

Ela diz que não significa nada...
Mas, para mim, significa tudo.



Sem Defeitos

ELSIE SILVER

CHESTNUT SPRINGS • 1





*Para ser bem sincera, eu escrevi este livro para mim mesma.
Para a garota que nunca soube muito bem o que queria fazer
da vida e para a mulher que descobriu a resposta.*





“Às vezes, aproveitamos o momento;
outras vezes, o momento se aproveita de nós.”
– Gregg Levoy





Summer

– *Você me arranhou um filho da mãe bem nervosinho, Eaton.* – O belo caubói montado em um touro enorme faz uma expressão brincalhona e passa a mão pela corda diante dele. Os olhos escuros reluzem na tela, todas as linhas rígidas de seu rosto espreitando por trás da grade do capacete. – *Quanto mais eles resistem, mais eu gosto.*

Em meio ao alvoroço da multidão na vasta arena com música tocando ao fundo, eu mal consigo ouvir o que estão dizendo, mas as legendas na parte inferior da tela não deixam qualquer dúvida.

O jovem inclinado sobre o curral ri e balança a cabeça.

– *Deve ser aquele leite todo que você toma. Nada de ossos fracos para o mundialmente famoso Rhett Eaton.*

O caubói facilmente identificável sorri por trás da proteção em seu rosto, revelando dentes brancos e o piscar de um olho cor de mel dentro do capacete preto. Um sorriso encantador que conheço por ter passado horas olhando para uma versão bidimensional envernizada e imóvel dele.

– *Não enche, Theo. Você sabe que eu detesto leite.*

Um sorriso provocador surge nos lábios de Theo.

– *Você fica uma graça naqueles anúncios com bigodinho de leite. Bem fofo para um sujeito tão velho.*

O homem mais jovem pisca, e os dois riem juntos enquanto Rhett esfrega a mão na corda metodicamente.

– *Prefiro cair do touro todo dia a beber aquela porcaria.*

A risada deles é a única coisa que ouço quando meu pai pausa o vídeo na imensa tela plana. O rubor sobe pelo pescoço e se espalha pelo rosto dele.





– Então tá bom.... – Tento sentir o terreno, ainda sem entender por que aquele diálogo exige uma reunião de última hora com os dois contratados mais novos da Hamilton Elite.

– Não. Não está nada bom. Esse cara é o rosto da montaria profissional e acabou de provocar seus maiores patrocinadores. Mas fica pior. Continue assistindo.

Ele volta a apertar o play, com agressividade, como se o botão tivesse feito algo de errado na história, e a tela mostra uma cena diferente. Rhett está andando por um estacionamento fora da arena, com uma sacola pendurada no ombro. O capacete foi substituído por um chapéu de caubói, e um homem esguio com roupas escuras e largas dá passos rápidos para acompanhar seu alvo, seguido por um cinegrafista.

Não acho que paparazzi tenham o hábito de seguir montadores de touro, mas Rhett Eaton se tornou um nome conhecido com o passar dos anos. Não é um modelo de pureza, de forma alguma, mas virou um símbolo dos homens do campo, rudes e rústicos.

O repórter dá um pulinho para aproximar o microfone da boca de Rhett.

– *Rhett, você poderia comentar o vídeo que está circulando neste fim de semana? Gostaria de se desculpar por alguma coisa?*

O caubói pressiona os lábios e tenta esconder o rosto atrás da aba do chapéu. Um músculo em sua mandíbula se contrai e seu corpo tonificado fica tenso. A rigidez reveste cada membro seu.

– *Sem comentários* – rosna ele, com os dentes cerrados.

– *Qual é, cara, fala alguma coisa.* – O sujeito esguio estende a mão e pressiona o microfone contra a bochecha de Rhett, apesar da sua recusa em fazer comentários. – *Seus fãs merecem uma explicação.*

– *Não, não merecem* – murmura Rhett, tentando aumentar a distância entre os dois.

Por que essa gente pensa que tem o *direito* de receber uma resposta quando embosca alguém que está cuidando da própria vida?

– *Que tal um pedido de desculpas?* – pergunta o sujeito.

É aí que Rhett dá um soco na cara dele.

O movimento é tão rápido que chego a piscar na tentativa de seguir o foco da câmera, que agora treme e gira.

Putz, que bosta.





Em segundos, o paparazzo agressivo vai parar no chão, a mão no rosto, e Rhett sacode a mão, se afastando sem dizer uma palavra.

A tela volta para os âncoras sentados atrás de uma mesa e, antes que eles possam dar qualquer opinião sobre o que acabamos de assistir, meu pai desliga a TV e emite um som estrondoso de frustração.

– Odeio esses caubóis. É impossível manter esses desgraçados na linha. Eu não quero lidar com ele. Então, para sorte de vocês dois, esse trabalho está disponível.

Ele está quase tremendo de raiva, mas eu só me recosto na cadeira, impassível. Meu pai perde o controle com muita facilidade, mas também supera as coisas bem depressa. Nesta altura da vida, mal dou bola para as mudanças de humor dele. Não dá para durar muito na Hamilton Elite se você não conseguir aguentar os chiliques de Kip Hamilton.

Por sorte, tenho uma vida inteira de experiência em ignorar seus rompantes, então fico impassível. Passei a ver isso como parte do charme dele, então não levo para o lado pessoal. Ele não está furioso comigo. Ele está apenas... furioso.

– Passei anos trabalhando pra cacete pra conseguir patrocínio pra esse caipira, e agora que a carreira dele está perto do fim, ele me vai e estraga tudo *desse jeito*. – Meu pai aponta para a tela na parede: – Você tem ideia de quanto dinheiro esses caras ganham porque são malucos o suficiente para montar um touro furioso de mais de uma tonelada, Summer?

– Não.

No entanto, tenho a sensação de que ele está prestes a me contar. Continuo a encarar os olhos escuros do meu pai, do mesmo tom dos meus. Geoff, o outro novo funcionário sentado a meu lado, se encolhe todo.

– Ganham milhões de dólares se forem tão bons quanto esse babaca.

Nunca me passou pela cabeça que esse negócio envolvesse tanto dinheiro assim, talvez porque o tema não é ensinado na faculdade de direito. Eu sei tudo sobre Rhett Eaton, o galã sensação da montaria em touros que leva as adolescentes ao delírio, mas quase nada sobre o setor ou o esporte em si. Dou um sorrisinho quando lembro que, há uma década, eu me deitava na cama e contemplava aquela foto dele.

Rhett no alto de uma cerca, olhando por cima do ombro, com um terreno descampado atrás, um sol quente se pondo. Um sorriso no rosto, olhos





parcialmente obscurecidos por um chapéu de caubói gasto e a indefectível... calça jeans Wrangler envolvendo as melhores partes daquele corpo.

Pois é, sei pouco sobre montaria em touros, mas sei que passei muito tempo olhando para aquela foto. A terra. A luz. Tudo me atraía. Não era só o cara bonito. Eu queria estar lá, assistindo àquele pôr do sol com meus próprios olhos.

– George, você sabe o valor daquele patrocínio de leite que ele acabou de jogar no lixo? Sem falar de todos os outros patrocinadores de quem vou precisar puxar o saco para acalmar esse fuzuê.

Juro por Deus que quase bufei. *George*. Conheço meu pai bem o suficiente para saber que ele tem plena consciência de que esse não é o nome do funcionário ao meu lado e que ele está fazendo uma espécie de teste para ver se Geoff tem coragem de dizer alguma coisa. Pelo que percebi, nem sempre é fácil trabalhar com atletas e celebridades cheios de si. Já posso dizer que o sujeito ao meu lado vai ter que cortar um dobrado.

– Hum...

O novato folheia a pasta na mesa da sala de reuniões à sua frente, e eu deixo meu olhar vagar pelas janelas que vão do chão ao teto e oferecem uma vista deslumbrante das pradarias de Alberta. Observar Calgary do trigésimo andar deste prédio é algo incomparável. As Montanhas Rochosas cobertas de neve ao longe são quase uma pintura, uma paisagem que nunca me canso de admirar.

– A resposta é dezenas de milhões, Greg.

Mordo o interior da bochecha para não rir. Eu gosto de Geoff, e meu pai está sendo um completo idiota, mas depois de anos aturando essas maluquices, é divertido ver outra pessoa sofrendo como eu sofri no passado.

Deus sabe que minha irmã, Winter, nunca passou por esse tipo de interrogatório. Ela tem um relacionamento bem diferente com nosso pai. Comigo, ele é brincalhão e impulsivo. Com ela, tem uma postura quase profissional. E acho que Winter prefere que seja assim, na verdade.

Geoff olha para mim com um sorriso sem graça.

Já vi essa expressão no rosto das pessoas no trabalho muitas vezes. Ela diz: *Deve ser bom ser a filhinha do chefe*. Ela diz: *E aí, nepobaby?* Mas estou acostumada com esse tipo de tratamento. Desenvolvi uma casca grossa. Não é tão fácil assim me abalar. Sei que em quinze minutos Kip Hamilton





vai contar piadas e sorrir. Aquela fachada perfeita que ele usa para atrair os clientes vai voltar ao lugar.

O homem é um gênio, mesmo que um tanto malicioso. Mas acho que isso faz parte da função de prospectar e negociar contratos como um agente de talentos de primeira linha.

Para ser sincera, ainda não sei se estou preparada para trabalhar aqui. Não tenho certeza de que é o que realmente quero, mas sempre me pareceu a coisa certa a fazer. Devo isso ao meu pai.

– Então, pessoal, a questão é a seguinte: o que vamos fazer para resolver essa situação? O patrocínio da marca de leite está por um fio. Esse peão desgraçado simplesmente detonou toda a sua base de consumidores. Agricultores, produtores de leite... Por mais que não devesse importar, as pessoas vão falar. Vão observá-lo de perto, e acho que não vão gostar muito do que vão ver. Isso vai prejudicar o lucro do idiota mais do que imaginam. E o lucro dele é o *meu* lucro, porque esse maluco rende muito dinheiro para todos nós.

– Como foi que a primeira gravação apareceu? – pergunto, obrigando meu cérebro a voltar à tarefa em questão.

– Uma estação local deixou a câmera ligada. – Meu pai esfrega o queixo barbeado. – Gravou a cena toda, legendou e colocou no noticiário da noite.

– Tudo bem, então ele precisa se desculpar – solta Geoff.

Meu pai revira os olhos diante da solução genérica.

– Rhett vai precisar fazer muito mais do que se desculpar. Quer dizer, ele precisa de um plano infalível para o que resta da temporada. Temos alguns meses até o Campeonato Mundial em Las Vegas. Até lá, precisamos colocar uma auréola sobre aquele chapéu de vaqueiro. Ou vamos perder também os outros patrocinadores.

Bato a caneta nos lábios, pensando no que poderíamos fazer para resolver a situação. É claro que não tenho quase nenhuma experiência no assunto, por isso continuo com as perguntas.

– Então ele precisa ser visto como o caipira charmoso, inocente e de bom coração?

Meu pai solta uma risada alta, apoiando as mãos na mesa da sala de reuniões à nossa frente e se inclinando. Geoff se encolhe, e eu bufo. *Covarde.*

– Essa é a questão. Rhett Eaton não é *nenhum caipira inocente e de bom*





coração. Ele é um caubói arrogante que vai pra gandaia dia sim, dia não, e tem uma multidão de mulheres a seus pés. E ele adora essa vida. Isso nunca foi um problema, mas agora vão cair em cima e destroçar o que puderem. Bando de abutres.

Arqueio a sobrancelha e me recosto na cadeira. Rhett é adulto e certamente, ao ouvir uma explicação sobre o que está em jogo, conseguirá se controlar. Afinal, ele paga para a empresa administrar essas coisas para ele.

– E aí, ele não consegue se comportar por alguns meses?

Meu pai baixa a cabeça com uma risada profunda.

– Summer, a versão bem-comportada desse cara não convence.

– Você está falando como se ele fosse um animal selvagem, Kip. – Aprendi da forma mais difícil a não chamá-lo de “pai” no trabalho. Ele é meu chefe, mesmo que ao final do dia voltemos para casa no mesmo carro. – Do que ele precisa? De uma babá?

A sala fica em silêncio, o olhar do meu pai fixado na mesa. Seus dedos, por fim, começam a batucar no móvel, algo que ele costuma fazer quando está perdido em pensamentos – e um hábito que peguei dele com o passar dos anos. Seus olhos quase pretos se erguem, e um sorriso toma conta de todo o seu rosto.

– É isso mesmo, Summer. É exatamente disso que ele precisa. E eu conheço a pessoa perfeita para o trabalho.

Ele olha para mim, o que me diz que a nova babá de Rhett Eaton talvez seja *eu*.





2

Rhett

Kip: Quer fazer o favor de atender o telefone, seu belo de um filho da puta?

Rhett: Você me acha bonito?

Kip: Acho que escolher esse detalhe específico da minha mensagem faz de você um idiota.

Rhett: Mas um idiota bonito?

Kip: Atende. A. Porra. Do. Telefone.

Kip: Ou esteja aqui às duas da tarde, para eu poder sacudir você pessoalmente.

O avião pousa no aeroporto de Calgary, e fico aliviado por estar em casa. Especialmente depois da confusão dos últimos dias.

O sujeito que eu esmurrei não vai prestar queixa, mas não sei bem quanto Kip, meu agente, ofereceu a ele para garantir isso. Não importa. Se alguém pode fazer tudo isso desaparecer, é o Kip.

Ele está tentando me ligar, o que é um sinal de que está surtando, porque nosso relacionamento funciona mais à base de troca de mensagens. É por isso que, quando ligo meu aparelho antes de o piloto autorizar, não fico surpreso ao ver o nome dele iluminando a tela do celular.

Mais uma vez.

Não atendi porque não estou a fim de ouvir seus berros. Quero me esconder. Quero silêncio. Pássaros. Um banho quente. Um Tylenol. E um encontrinho com a minha mão para aliviar a tensão.

15





Não necessariamente nessa ordem.

É disso que preciso para retomar o controle. Uma pausa tranquila em casa. Quanto mais velho fico, mais longa a temporada parece e, de alguma forma, com apenas 32 anos, me sinto velho pra caramba.

Meu corpo dói, minha mente está sobrecarregada, e anseio pela tranquilidade do rancho da minha família. Claro, meus irmãos vão pegar no meu pé e meu pai vai me perguntar quando é que planejo me aposentar, mas é isso que a família faz. Isso é estar em casa.

Deve haver uma razão para nós, os filhos homens, continuarmos voltando para a casa dos nossos pais. Somos codependentes de uma forma que nossa irmã caçula não é. Ela deu uma olhada naquele bando de marmanjos morando juntos em uma fazenda e se mandou.

Faço uma nota mental para ligar para Violet e ver como ela está mesmo assim.

Minha cabeça tomba para trás no encosto do assento apertado conforme o avião para na pista.

– *Bem-vindos à bela Calgary, Alberta.*

A cabine é preenchida pela voz do comissário de bordo e pelos cliques ruidosos dos passageiros soltando os cintos antes da hora apropriada.

Sigo o exemplo, louco para sair daquela caixa de fósforo e esticar as pernas.

– *Se você se sente em casa em Calgary, então seja bem-vindo ao lar...*

Depois de mais de uma década na profissão, eu já deveria estar escolado nessa coisa de reservar passagens e hotéis, mas em vez disso estou sempre lutando para conseguir uma vaga de última hora, e por mim tudo bem. Embora no momento eu esteja me sentindo um pouco claustrofóbico.

Quando a pessoa ao meu lado sai para o corredor, dou um suspiro de alívio. Não posso me entregar ao cansaço. Ainda tenho que pegar a caminhonete e dirigir por uma hora até Chestnut Springs.

– *Lembrem-se de que não é permitido fumar dentro do terminal...*

E, antes disso, tenho uma reunião com aquele pit bull do meu agente. Ele está rosnando para mim desde ontem à noite, transtornado porque não atendi o telefone.

Agora vou ter que pagar o preço pelo meu péssimo comportamento.

Solto um gemido interno, estendendo a mão para pegar a mala no compartimento superior.





Kip Hamilton é o homem a quem devo agradecer pela minha situação financeira atual. Para falar a verdade, gosto muito dele. Kip está comigo há 10 anos e é quase um amigo. Também sonho com bastante regularidade em dar um soco naquela cara lisinha. São os dois lados da moeda nesse negócio.

Ele me lembra uma versão mais velha e mais refinada do Ari Gold, de *Entourage*, e eu adoro essa série.

– *Obrigado por voar com a Air Acadia. Estamos ansiosos para recebê-lo novamente.*

A fila de pessoas finalmente começa a se mover rumo à saída, e eu me arrasto pelo corredor do avião até sentir uma cutucada firme no meio do peito. Quando olho para baixo, encontro olhos azuis furiosos e uma sobrancelha franzida em um corpo pequeno. Uma mulher na casa dos 60 anos olha para mim.

– Você deveria ter vergonha. Insultando suas raízes dessa maneira. E insultando todos nós que trabalhamos tanto para colocar comida na mesa de nossos compatriotas canadenses. E depois ainda agredir um homem. Como você pôde fazer isso?

Esta parte do país se orgulha da agricultura e da vida rural. Calgary é sede de um dos maiores rodeios do mundo. Algumas pessoas a chamam de Cidade das Vacas por causa do forte vínculo que a une à comunidade agropecuária.

Eu deveria saber muito bem de tudo isso, porque, afinal de contas, fui criado em uma enorme fazenda de gado. Só não sabia que não gostar de leite era crime.

De qualquer maneira, faço um aceno de cabeça solene.

– Não tive a intenção de insultar ninguém, senhora. Nós dois sabemos que a comunidade agrícola é a espinha dorsal da nossa bela província.

Ela me olha fixamente, se empertigando e respirando fundo.

– É melhor se lembrar disso, Rhett Eaton.

Só me resta dar um sorriso tenso.

– Claro – digo, e então sigo pelo aeroporto com a cabeça baixa, na esperança de evitar mais encontros inesperados com fãs ofendidos.

As palavras da mulher continuam na minha cabeça durante a retirada da bagagem e o trajeto até minha caminhonete. Não me sinto mal por ter dado





um soco naquele cara – ele mereceu –, mas uma centelha de culpa surge em meu peito por ter magoado meus fãs, pessoas que dão muito duro para sobreviver. Eu não tinha parado para pensar nisso. Preferi passar os últimos dias resmungando e irritado por minha aversão a leite ter virado notícia.

Quando vejo minha caminhonete antiga no estacionamento coberto, solto um suspiro de alívio. É um veículo prático? Talvez não. Mas foi um presente da minha mãe para o meu pai, e por isso ela é o meu xodó. Mesmo que atualmente esteja cheia de manchas de ferrugem e a pintura tenha vários tons de cinza misturados.

Vou consertar esse carro e deixá-lo novinho em folha. Um presente para mim mesmo. Quero pintá-la de azul.

Não tenho lembranças da minha mãe, mas nas fotos os olhos dela eram de um tom de azul metálico, e é isso que eu quero. Uma pequena homenagem à mulher que nunca conheci.

Só preciso encontrar tempo para isso.

Entro na caminhonete e largo a mala no banco do carona. O couro marrom rachado range levemente enquanto acomodo meu corpo cansado atrás do volante. O veículo ganha vida, soltando um pouco de fumaça escura quando entro na rodovia, indo direto para o centro da cidade. Meus olhos estão na pista, mas minha mente está em outro lugar.

Quando meu telefone toca, tiro os olhos da estrada só por um instante. Vejo o nome da minha irmã na tela e abro um sorriso na mesma hora. Violet sempre me faz sorrir, mesmo quando tudo ao meu redor está uma merda. Ela está me ligando antes mesmo que eu tenha tido a chance de entrar em contato.

Parado em um sinal vermelho, deslizo o botão para atender e ponho no viva-voz. É claro que esta caminhonete não está equipada com Bluetooth.

– Ei, Vi – digo, quase gritando, para minha voz alcançar o telefone no banco ao meu lado.

– Oi. – Sua voz transborda preocupação. – Como você está?

– Bem, acho. Estou indo direto para o escritório do Kip, para descobrir o tamanho do estrago.

– Sim. Se prepara. Ele está nervoso – balbucia ela.

– Como você sabe?





– Sou seu contato de emergência. Ele soltou os cachorros no telefone, reclamando que você o ignorou. – Agora ela está rindo. – Nem moro mais com você. Você precisa atualizar as informações.

Eu dou um sorriso sem graça, pegando a autoestrada.

– É, mas você é a única que apoia minha carreira e não vem me dar sermão sobre desistir se algo der errado. Basicamente, você está condenada a ocupar essa função.

– Então vou ter que largar meu marido e meus filhos e pular num avião para ficar no hospital com você?

Isso me faz refletir. Toda vez que me machuquei, na adolescência ou depois, foi Violet quem cuidou de mim.

– Você é tão boa nisso. Mas faz sentido. Acho que o Cole me mata se eu tirar você de perto dele.

Estou brincando. Gosto bastante do marido dela, o que diz muito, porque nunca pensei que Violet conheceria alguém à altura dela. Mas Cole é incrível. Também é ex-militar e meio assustador, então acho melhor não irritá-lo.

Minha irmã dá uma risadinha. Continua doida por ele, o que me deixa muito feliz.

– Ele ia ficar bem. Posso mandá-lo para aí, se você estiver precisando de um guarda-costas.

– E abandonar as mulheres da vida dele? Cole nunca faria uma coisa dessas.

Ela para de rir e emite um grunhido baixo.

– Você sabe que, se precisar de mim, é só falar, certo? Sei que os outros não entendem. Mas eu entendo. Vou estar do seu lado sempre que precisar.

Esse é o lance entre mim e minha irmã caçula. Ela realmente me entende. Violet também é uma pessoa bem destemida, então nunca condenou minha carreira como o resto da família. Mas tem a própria vida e as próprias filhas para cuidar. Não preciso que fique me mimando.

– Estou bem, Vi. Vem logo fazer uma visita e traz todo mundo com você, beleza? Senão, quando a temporada terminar, eu apareço aí com o rabinho entre as pernas pra apostar corrida a cavalo contigo numa pista chique e te deixar comendo poeira.

Tento parecer bem-humorado, mas não tenho certeza de que meu tom soa convincente.





– Pode deixar – responde Vi. E eu juro que posso vê-la mordendo o lábio daquele jeito que ela costuma fazer, prestes a dizer alguma coisa, mas desistindo. – Provavelmente vou te deixar vencer só porque estou me sentindo péssima por você.

– Bom, uma vitória é uma vitória – digo, rindo e tentando aliviar o clima. E tudo que ela responde é:

– Eu te amo, Rhett. Se cuida. E, principalmente, seja você mesmo. Você é o máximo quando se mantém fiel à pessoa que você é.

Ela está sempre me lembrando disto: que é para eu ser Rhett Eaton, o garoto que veio de uma cidade pequena. Não Rhett Eaton, o cara arrogante que monta touros.

Normalmente reviro os olhos, mas no fundo sei que é um bom conselho. Um deles é o meu verdadeiro eu, o outro é só fachada.

O problema é que não existem muitas pessoas que ainda conhecem meu verdadeiro eu.

– Também te amo, mana – declaro, antes de desligar e de me perder em pensamentos, seguindo pela rodovia em direção à cidade.

Quando paro na Hamilton Elite e por um milagre encontro uma vaga na rua, percebo que estava tão distraído que nem lembro direito como cheguei ali. Recosto a cabeça no assento. De novo. E respiro fundo. É difícil precisar o tamanho do problema em que me meti, mas levando em consideração como aquela mulher me descascou na frente de todo mundo no avião, me arrisco a dizer que as coisas não estão boas para o meu lado.

Eu conheço as pessoas do campo. São trabalhadoras. Orgulhosas. E ficam chateadas quando acham que gente de outras camadas sociais não entende a sua luta.

E talvez tenham razão. Talvez a maioria dos canadenses não compreenda *verdadeiramente* o trabalho árduo por trás da agricultura. Para abastecer as prateleiras dos nossos supermercados.

Mas eu? Eu entendo muito bem. De verdade.

Eu só detesto leite, simples assim. A situação toda é tão bizarra que chega a ser engraçada.

Entro no edifício opulento. Tudo reluz. O chão. As janelas. As portas de aço inoxidável do elevador. Fico com vontade de esfregar as mãos nelas só para dar uma bagunçada nas coisas.





O segurança assente quando passo por ele e entro no elevador com um monte de gente bem-vestida. Tento me conter e abafar uma risada quando uma mulher me lança um olhar furioso, claramente me julgando.

Botas de caubói surradas. Não me surpreenderia se ainda houvesse estreme de vaca na sola. Calça jeans gasta e uma jaqueta marrom forrada com lã de carneiro. Meu cabelo é comprido, do jeito que eu gosto. Caótico e indisciplinado. Como eu.

Mas não é disso que essa mulher gosta. Na verdade, a repulsa estampada em seu rosto está clara como o dia.

Então, dou uma piscadinha para ela e exagero na saudação:

– ‘Dia, dona.

As pessoas de Alberta não têm sotaque arrastado, mas quando você passa a vida em rodeios com caras que têm, é muito fácil imitar. Eu só queria estar com meu chapéu de caubói aqui comigo para completar o personagem.

A mulher revira os olhos e depois afunda o dedo no botão que diz FECHAR PORTA. Quando a porta se abre de novo, ela sai do elevador sem olhar para trás.

Ainda estou rindo disso quando chego ao andar da Hamilton Elite e, a julgar pelo brilho nos olhos da recepcionista quando me vê, ela não compartilha da percepção que a mulher do elevador tem de mim.

Na verdade, a maioria das mulheres não compartilha. Garotas da cidade, garotas do campo, garotas que adoram um peão. Adoro mulher e sempre defendi oportunidades iguais para todas. Mas, de relacionamentos... gosto bem menos.

Um passeio pelo lado selvagem. Foi assim que uma mulher me definiu recentemente depois de passarmos um dia inteiro trancados em um quarto de hotel comemorando minha vitória de uma forma que foi divertida na hora, mas me deixou com uma sensação de vazio no final.

– Rhett!

A voz de Kip ecoa pelo saguão antes mesmo de eu ter a chance de conversar com a garota da recepção.

É empata-foda mesmo.

– Obrigado por vir direto para cá.

Ele se aproxima a passos largos e aperta minha mão com tanta força que quase chega a doer. Esse cumprimento efusivo é sua maneira de me punir





pela cagada que fiz. O sorriso falso e retorcido é a prova. O dono desta agência não tem o hábito de receber seus clientes na recepção, o que significa que estou mesmo ferrado.

– Sem problema, Kip. Eu pago uma baba pra você mandar na minha vida, certo?

Nós dois rimos, mas também sabemos que acabei de lembrá-lo de que sou eu quem está pagando. Não o contrário.

Ele me dá um tapinha nas costas, e sinto o corpo estremecer. O homem é grandalhão.

– Vem. Vamos conversar na sala de reuniões. Parabéns pela vitória deste fim de semana. Você está indo muito bem este ano.

Na minha idade, nem era para eu estar vencendo tantos torneios assim nesta temporada. Minha carreira deveria estar em trajetória descendente, mas as estrelas estão se alinhando. E *tricampeão mundial* soa muito melhor do que *bicampeão mundial*. E três fivelas douradas na minha estante ficariam melhor do que duas.

– Às vezes as estrelas se alinham.

Sorrio, e ele me conduz até uma sala com uma longa mesa cercada por cadeiras pretas de aparência genérica e um homem de aparência genérica sentado em uma delas. Cabelo castanho e bem aparado. Olhos castanhos. Terno cinza. Expressão entediada. Unhas bem cuidadas. Mãos macias. Garoto da cidade.

Ao lado dele está uma mulher que é tudo, menos genérica. Cabelo castanho-escuro em um coque apertado no topo da cabeça que brilha quase como mogno quando o sol bate. Os óculos de aro preto são um pouco pesados para seu rosto delicado de boneca, mas os lábios quase carnudos demais, pintados de um rosa profundo e quente, de alguma forma os equilibram.

A camisa creme que ela veste está abotoada até em cima, com renda cobrindo o pescoço. A boca levemente contraída numa expressão desconcertada, os braços cruzados protegendo o peito e os olhos cintilantes, cor de chocolate, não revelam nada enquanto ela me avalia por cima dos óculos.

Eu sei que não se deve julgar um livro pela capa. Mesmo assim, a palavra *reprimida* passa pela minha cabeça.

– Senta, Rhett.





Kip puxa uma cadeira bem em frente à mulher e se acomoda suavemente no assento ao meu lado, entrelaçando os dedos sob o queixo.

Eu me jogo na cadeira e me afasto da mesa, cruzando o pé sobre o joelho.

– Então tá, me dá logo essa surra que você quer me dar pra eu poder ir pra casa, Kip. Estou morto de cansado.

Meu agente arqueia a sobancelha e me olha com atenção.

– Eu não preciso te dar surra nenhuma. Você perdeu oficialmente o patrocínio do Dairy King. Acho que já está de bom tamanho.

Eu recuo, e meu pescoço fica vermelho. É a mesma sensação de quando eu fazia besteira quando era criança. Quando perdia a hora de voltar para casa. Pulava da ponte com os meninos mais velhos. Invadia a fazenda dos Jansens. Sempre havia alguma coisa. Eu nunca *deixei* de estar em apuros. Mas isto é diferente. Não é brincadeira. É o meu trabalho.

– Você só pode estar brincando.

– Eu não brincaria com uma coisa dessas, Rhett.

Kip apertou os lábios e deu de ombros. O olhar diz *não estou bravo, estou decepcionado*. E odeio essa distinção porque, no fundo, odeio decepcionar as pessoas. Quando ficam bravas, elas mostram que se preocupam com você. Querem o melhor para você. Sabem que você é capaz de coisa melhor. Quando são indiferentes assim, é quase como se esperassem que você estragasse tudo.

É por isso que sempre digo que não me importo com o que pensam de mim. Assim ninguém tem o poder de fazer com que eu me sinta dessa forma... mas claramente não está funcionando.

Eu me mexo na cadeira, examinando as outras duas pessoas na sala. O cara tem o bom senso de olhar para os documentos diante dele. Mas a mulher sustenta meu olhar. Um olhar inabalável. E, de alguma forma, eu sei que ela está me julgando.

Passo a mão na boca e pigarreio.

– Bem, o que a gente pode fazer pra reverter essa situação?

Kip se recosta com um suspiro profundo, os dedos tamborilando os braços da cadeira.

– Não sei se dá pra reverter. Na verdade, acho que vamos fazer mais controle de danos do que qualquer outra coisa, na esperança de que os outros patrocinadores também não pulem do barco. Wrangler. Ariat. Todas essas





empresas conhecem seus clientes. E foram eles que você irritou. Sem contar que dar um murro em alguém com uma câmera ligada é um pesadelo de relações públicas.

Meus olhos encontram o teto quando inclino a cabeça para trás e engulo em seco.

– Quem diria que não gostar de leite era crime. E aquele sujeito merecia um ajuste na mandíbula.

A mulher à minha frente solta uma pequena risada de escárnio, e meus olhos deslizam para os dela. Mais uma vez, ela não se intimida. Que diabos ela tanto olha?

Ela dá apenas um sorrisinho, como se achasse engraçado eu ter jogado fora um patrocínio multimilionário. Estou exausto. Estou dolorido. Já esgotei minha paciência. Mas sou um cavalheiro, por isso passo a língua nos dentes e volto meu foco para Kip.

– Se aquela câmera não estivesse ligada, estaria tudo bem – diz ele. – Mas não deixe ninguém ouvir você falando assim sobre agredir alguém. Eu dei um duro do cacete para evitar que aquele filho da puta prestasse queixa.

Reviro os olhos. Tenho certeza de que *dei um duro do cacete* é o código para dizer que gastou uma bela quantia do meu suado dinheiro para calar a boca do sujeito.

– Por que estavam filmando? Foi intencional?

Kip suspira e balança a cabeça.

– Isso não importa agora, não é? O estrago está feito.

– Merda.

Eu solto um gemido e fecho os olhos por um momento, girando os ombros, avaliando como o direito está dolorido. Minha aterrissagem naquela última montaria não foi ideal. Desmontei que nem um novato.

– Então, eu tenho um plano.

Olho para Kip, desconfiado.

– Já odiei.

Ele ri. E sorri. Porque esse desgraçado sabe que estou nas mãos dele. Nós dois sabemos que os meus dias estão contados, e eu cometi o erro de lhe dizer que a minha família precisa de mais dinheiro para manter o rancho a longo prazo. Vou pegar o que preciso para viver confortavelmente em algum





lugar nas nossas terras e depois trabalhar com meu irmão mais velho, Cade, para manter o Rancho Poço dos Desejos funcionando.

É isso que você faz pela família. Custe o que custar.

– Tudo bem! A gente sabe que você vai segui-lo, querendo ou não.

Eu o encaro, com raiva. Que idiota.

Ele aponta para o outro lado da mesa.

– Essa é a Summer. Ela é nova na equipe. Foi estagiária aqui por vários anos. Também é sua nova sombra.

Minhas sobrancelhas e meu nariz se franzem. Porque esse plano já cheira a merda.

– Explica melhor.

– Nos próximos dois meses, até o final do Campeonato Mundial em Las Vegas, ela vai trabalhar como sua assistente. Um contato com a mídia. Alguém que entende a percepção do público e que vai ajudá-lo a melhorar sua imagem. Vocês dois vão discutir e traçar um plano, que vai ser aprovado por mim, para que eu não te estrangule por ser um completo babaca. Tenho certeza de que ela também está disposta a ajudar em qualquer outro trabalho administrativo necessário. Mas, acima de tudo, ela vai vigiar cada passo que você der e te manter longe dos problemas.

Olho para a mulher, que assente, sem dar qualquer sinal de que está indignada com a sugestão.

– Agora eu tenho *certeza* de que você está de palhaçada. Porque não faz sentido um homem da minha idade andar por aí com uma babá. Isso é um absurdo, Kip.

Quero que ele comece a rir e me diga que estava só zombando da minha cara.

Mas ele não faz isso. Só me encara, assim como a mulher, esperando o meu cérebro entender o que ele já decidiu por mim.

– Fala sério.

Rio, incrédulo, me endireitando para olhar ao redor da sala em busca de alguma prova de que caí numa pegadinha realmente excelente e hilária. Algo que meus irmãos fariam comigo, com certeza.

Mas a única coisa que recebo em troca é mais silêncio.

Não é um teste, nem uma piada. É um pesadelo dos infernos.

– Não, obrigado. Prefiro ficar com esse cara aí.





Aponto para o outro sujeito, o que nem consegue me olhar nos olhos. Ele é perfeito para eu fingir que nem existe. Ao contrário dessa carrasca reprimida que me olha como se eu fosse um caipira idiota.

Kip junta as mãos de novo e cruza as pernas.

– Não.

– Não? – Estou perplexo. – Quem paga seu salário sou eu, não o contrário.

– Então arranje alguém que sugira algo melhor para resolver esse desastre. Vai lá. É só o futuro da fazenda da sua família que está em jogo.

Minhas bochechas ficam quentes. E, pela primeira vez, estou sem palavras. Totalmente sem palavras. Meus dentes rangem, minha mandíbula estala.

Leite. Vencido pela porcaria de um *leite*.

Um pedaço de papel branco desliza na minha frente, do outro lado da mesa. As unhas pintadas de esmalte nude batem duas vezes nela. *Que mulher irritante*.

– Escreve seu endereço aqui, por favor.

– Meu endereço? – Meu olhar dispara até o dela.

– Sim. O lugar onde você mora.

Eu juro que vejo a bochecha dela se retorcer. Que grosseria.

Olho para Kip.

– Por que tenho que dar meu endereço pra essa garota mesmo?

Ele sorri e se aproxima, me dando um tapinha no ombro.

– Porque você não é o Peter Pan, Rhett. Você não vai perder sua sombra. Pelo menos não nos próximos dois meses.

Minha mente gira. Ele não pode estar dizendo...

– Aonde você for, ela vai junto. – Kip abre um sorriso cruel, diferente do que abriu quando entrei na sala. Não, este está cheio de advertências. – E, Eaton, essa *garota* é minha filha. *Minha princesa*. Então, se comporte, mantenha as mãos longe dela e fique longe de encrencas, entendeu?

A *princesa* sarcástica vai ficar morando no rancho comigo? Meu Deus, isso é muito pior do que eu imaginava.

Meu fim de semana está a caminho do fundo do poço desde a porcaria daquele vídeo, e quando saio furioso do escritório reluzente, a situação só piora, porque esqueci de ligar o parquímetro naquela *ótima* vaga que consegui.





Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

